



Comente o seguinte de texto: leituras da enunciação em *mise en abyme*

Clara Nunes Correia

Abstract:

In this paper I propose to discuss how the research mechanisms are generated and how theoretical models can be related among themselves. The centrality of this discussion focuses mainly on enunciation as a relevant strand for the study of language semantics. In this way, it aims to contribute to the definition of an epistemological frontier in the analysis of languages, also triggering a theoretical frontier, especially in the different ways of integrating the domain of semantics into the grammatical description.

From the rereading of three texts on 'enunciation', I will try to discuss if the boundaries and limits that characterize each of these texts do not end up being interconnected, constituting a *continuum* based on the images generated in a *mise en abyme*.

To exemplify this hypothesis, I will focus on the proposals made by Benveniste 1970 and Culioli 1993 on temporality.

0. Justificação prévia

O texto que a seguir se apresenta foi motivado por duas ordens de razões: em primeiro lugar existe uma linha de trabalho no grupo Gramática & Texto sobre o *comentário*. Por essa razão entendi verificar de que forma é que a partir de um texto (Benveniste 1970, cap.5) se geraram outros textos, comentando, de forma explícita ou implícita o trabalho deste autor. Interessou-me, assim, refletir sobre esta possibilidade, *ad infinitum*, de se discutir uma temática, uma hipótese, um tema... Por outro lado, ao construir o meu próprio comentário sobre os textos de partida (neste caso Culioli 1983 e de Vogüé 1992), acrescentei, ou não, informação nova à informação conhecida?

A resposta a esta questão assenta na possibilidade de se entender a segunda parte do título deste trabalho: **leituras da enunciação em 'mise en abyme'**. É minha opinião que o trabalho do linguista se centra nesta atividade *de comentador*, acrescentando em cada intervenção uma nova questão que

deixa em aberto e que num outro momento será continuada, de alguma forma, por si ou por outro investigador qualquer. Foi-me dito, um dia, que a atividade de um professor assenta, essencialmente, no mito de Sisífo, visão naturalmente pessimista e absurda, no sentido filosófico do termo. Numa perspetiva mais otimista, a hipótese de um trabalho não finito desencadeia, não como castigo, mas como motivação, uma atitude que permite, em cada 'subida' deixar um qualquer vestígio. A encosta da montanha será muito diferente de dia para dia. Isto aprendi com outra professora que, num dia inspirado, escreveu o romance que dá título a este texto e que foi o tema deste WGT¹.

E o que é que isto tem que ver com tudo o que a seguir se apresenta: possivelmente pouca coisa. Possivelmente um bom pretexto de pensar no significado das coisas que aprendemos.

Essa é a razão porque, quando estudo 'semântica', procuro ver mais do que o

¹ Refiro-me a *Comente o seguinte texto* Eduarda Dionísio. (Lisboa: Plátano, 1972)

significado e as leis que o geram. Repensar a enunciação, talvez seja um bom caminho para repensar o significado. A leitura final dependerá sempre do ponto de vista de quem lê. Foi esta também a razão por que escolhi a imagem do anúncio do queijo LA VACHE QUI RIT como ilustração desta apresentação. A leitura dentro da leitura, *ad infinitum* em certo sentido é uma forma de homenagem a quem me ensinou a olhar para os objetos e a quem me ensinou a falar sobre eles.

1. Introdução

O estudo da enunciação, entendido quer como modelo, quer como objeto de estudo, contribuiu para a definição de uma fronteira epistemológica na análise das línguas, desencadeando, igualmente, uma fronteira teórica sobretudo nas diferentes formas de integrar o domínio da semântica na descrição gramatical.

Como é sabido, a partir de uma perspetiva lógico-formal, a semântica é entendida enquanto módulo gramatical. Assim para uma dada língua – natural ou formal – o trabalho sobre a semântica de uma dada língua define-se a partir de um conjunto de regras e princípios de acordo com os quais as expressões dessa língua são interpretadas. De uma forma muito geral, pode dizer-se que, nesta perspetiva, o conceito de interpretação é central: interpretar uma expressão (simples ou complexa) é particularizá-la através de uma certa expressão de uma dada língua N.² (Montague [1970] 1974, adap.)

A centralidade do trabalho desenvolvido sobre a semântica de

acordo com esta perspetiva assenta, assim, no facto de se assumir que uma teoria semântica deve ser capaz de captar a natureza do significado das palavras, sintagmas e frases e explicar como se relacionam, sendo igualmente capaz de predizer as ambiguidades existentes numa qualquer língua e, finalmente, deverá ser capaz de caracterizar e explicar o significado sistemático das relações definidas entre palavras, sintagmas e frases.³

Numa outra perspetiva⁴, a semântica pode ocupar o centro da análise gramatical: ao assumir-se que a gramática é motivada por aspetos semânticos, o significado (*meaning*) de uma dada unidade linguística é entendido enquanto estrutura conceptual.⁵

Sem que este seja o momento adequado para uma discussão aprofundada entre os dois modelos acima referidos, podemos encontrar – apesar das profundas diferenças que os separam – uma projeção na caracterização do significado como centro das hipóteses que delimitam a semântica enquanto área da gramática (seja essa área encarada de forma holística ou modular).

Em contraste, as perspetivas enunciativas (desenvolvidas sobretudo a partir de autores próximos do modelo estruturalista europeu) vão constituir-se como relevantes na edificação de um argumentário que se afirma como diferente na análise das línguas, constituindo uma referência quando se quer ultrapassar o domínio frásico ou lexical.

Assumindo uma rutura com os modelos formais e estritamente

³ Adaptação de, entre outros, Cann 1993.

⁴ Em termos gerais, encontramos estas linhas de orientação associados a uma perspetiva cognitiva da gramática.

⁵ Rudzka-Ostyn (1993: 1-3), *apud* Silva 1999: 10-11 (adaptação minha).

² The basic aim of semantics is to characterize the notion of a true sentence (under a given interpretation) and of entailment (Montague [1970] 1974).

cognitivos, brevemente atrás referidos, os modelos, que de forma pouco precisa são aqui referidos como enunciativos, fazem emergir um novo valor paradigmático na análise linguística.

Essa rotura dá-se em dois sentidos: por um lado desloca-se do objeto de análise inerente ao estudo quer de frases (ou dos sintagmas), quer de palavras, centrando-se em ‘unidades’ mais complexas (menos ‘precisas’ e menos padronizáveis – e, por inerência, não generalizáveis) – o discurso, por um lado, o enunciado⁶, por outro. Por outro lado – e como consequência da centralidade do objeto de estudo assumido por estes trabalhos – dá-se uma deslocação do foco de investigação: da ‘captação’ do ‘significado’ passa-se para a construção da ‘significação’.

A validação destes princípios obriga, no entanto, que se reconheça que para ambas as ‘unidades’ acima mencionadas – ‘discurso’⁷ / ‘enunciado’ / ‘enunciação’ – existem perspetivas de análise não homogéneas, divergentes, e por vezes contraditórias.

Não sendo objetivo deste trabalho desenvolver este percurso contrastivo, tentarei apenas encontrar algumas linhas que permitem uma reflexão sobre a forma como se interrelacionam duas das perspetivas mais marcantes no estudo da enunciação. Para isso tentarei fixar as linhas que caracterizam 3 textos⁸ que se cruzam,

⁶ O conceito de enunciado aqui referido recupera o conceito de ‘énoncé’ (fr.) e não de ‘utterance’. (ing.). Esta diferença não é terminológica, mas epistemológica.

⁷ Sobre as múltiplas perspetivas de discurso, veja-se, a título de exemplo, quer numa perspetiva linguística Maingueneau 1991, Charaudeau & Maingueneau 2002; Rastier [1987] 1996, quer numa perspetiva filosófica, Foucault 1971.

⁸ Benveniste (1970, cap.5) Culioli ([1983] 1999) e de Vogüé (1992)

mas que não se diluem e que definem e, em certo sentido, delimitam, de forma diferente. o conceito de ‘enunciação’. Procurarei apresentar argumentos que veiculem as aproximações e as divergências que se revelam, mais do que nos textos, nas repercussões que esses textos ainda hoje têm na análise linguística.

2. O que dizem estes textos sobre enunciação? (relações impossíveis)

Em termos gerais, e se se assentar numa das vertentes que suporta este trabalho, pode dizer-se que qualquer investigação que trabalhe com o conceito de ‘enunciação’ deve ser entendida a partir das seguintes linhas orientadoras:

(i) a significação de um enunciado é construída a partir da relação não biunívoca entre formas e operações de natureza cognitiva, subjacentes à construção do enunciado em que ocorre;

(ii) as formas linguísticas são marcas de operações cognitivas diferenciadas;

(iii) a relevância dada aos valores semânticos das diferentes construções em que as formas linguísticas ocorrem obriga a ter em conta as propriedades das diferentes categorias gramaticais que lhe são/estão associadas;

(iv) existe uma interação entre formas linguísticas coocorrentes.

Estas diferentes linhas se podem ser entendidas como um ponto de partida, no âmbito do trabalho que agora se apresenta constituem o ponto de chegada.

Dito de outro modo: se se aceitarem estes 4 pontos como orientadores de um trabalho assente numa teoria da enunciação, veiculada principalmente por A. Culioli, o desafio deste trabalho é tentar perceber de que forma estes 4 pontos recolhem, em termos de

fundamentação teórica, os contributos das propostas de E. Benveniste.

A partir de fontes diferenciadas é comummente aceite que as aproximações entre os dois autores não só não são lineares, como não são pacíficas. Se é verdade que, para ambos, a linguagem é o objeto central do trabalho de investigação em linguística, a forma como ambos olham para a linguagem é diferente⁹. Essa diferença vai ser visível igualmente na entendimento que ambos têm sobre o conceito de ‘enunciação’.

Como se sabe, para Benveniste a enunciação é definida como o ato de locução e o ato enunciativo é definido a partir de um ‘aparelho formal’ de enunciação, materializado sob forma de ‘discurso’. Contrastivamente, para Culioli, o enunciado é um processo que permite definir as suas próprias condições de enunciação, sendo dado especial relevo ao papel dos parâmetros enunciativos. Como consequência, para Culioli, são os mecanismos [enunciativos] que se estruturam (e não as formas).

A não coincidência teórica entre os dois autores num dos tópicos que, de alguma forma, estruturam os percursos do trabalho no domínio da enunciação, não deixa de ser importante. Em de Vogüé 1992 é descrita esta rotura a partir da associação que pode ser encontrada na não sobreposição entre os mecanismos suportados por um ‘aparelho’ [da enunciação], em oposição à noção mais transversal implicada no conceito de ‘aparelhagem’ [enunciativa]: “(...) les for-

⁹“(…) contrairement à Benveniste, c’est au langage comme activité humaine que Culioli va s’intéresser: au “langage comme activité symbolique et énonciative. (...)” de Vogüé 1992:98.

mes, (toutes les formes, la langue entière) ne sont que l’appareillage. L’appareil (la structuration) est dans les mécanismes qui les sous-tendent. (op.cit: 85).

A relevância desta discussão poderá / deverá ainda ser aprofundada¹⁰. No entanto, e mesmo numa análise muito superficial como a que aqui se está a fazer, esta divergência configura-se como um ponto relevante (ou até, o ponto relevante) na não concordância entre os dois autores no trabalho que ambos desenvolvem sobre a enunciação.

3. aproximações e divergências: o tempo como uma ligação [possível]

A relação de proximidade entre Benveniste e Culioli reflete-se, no entanto, na análise de algumas temáticas que ambos vão desenvolver, curiosamente a partir dos mesmos suportes externos (comunicações a conferências, artigos dispersos, compilados em volumes que por si só constituem referências bibliográficas. Assim, se de um lado temos, com Benveniste, os *Problèmes de Linguistique Générale*, do outro – o de A. Culioli – temos os volumes de *Pour une linguistique de l’énonciation*). Na comparação dos índices de cada um dos volumes que ‘organizam’ os trabalhos de cada autor, talvez não encontremos sobreposições de designações, mas olhando para os artigos, encontramos, de forma algo recorrente, temáticas que emergem – de forma muito diferenciada – e se sobrepõem.

De entre essas temáticas, escolhi o tempo /a temporalidade como forma de exemplificar como essas divergências

¹⁰ Sobre esta diferença, cf., para além de de Vogüé 1992, Correia 2002.

conceptuais se refletem na análise dos dados .

Em termos gerais no artigo ‘L’appareille formel de l’énonciation’, Benveniste, ao refletir sobre a temporalidade, reforça a centralidade da subjetividade da enunciação. Assim, para o autor. as formas temporais (verbais) presentes nas línguas naturais estão diretamente relacionadas com o sujeito (EGO), assumindo este a centralidade da enunciação:

“(…) Au moment où vous dites ‘j’ arrive’ vous n’êtes pas en train d’arriver (…) et en tout cas, vous n’êtes sûrement pas arrivé: vous vous situez donc dans la zone antérieure à l’arrivée effective. (...)” (Benveniste 1970: 171)

Desta forma – e por se dar uma sobreposição entre a temporalidade e a subjetividade, (relação estabelecida a partir da triangulação definida entre sujeito/espaço/tempo), a marcação temporal decorre da categoria do ‘presente’ : “(…) le présent est proprement la source du temps (...)” (Benveniste 1970: 83).

Já para Culioli, (como por exemplo, e.o, se pode observar em Culioli ([1993] 1999)), a temporalidade assenta em três ordens de representação abstrata:

- (i) Sucessividade (ordenada de instantes)
- (ii) Corte [temporal] (construção de intervalos temporais)
- (iii) Consecução, concomitância, encaixe

Parecendo evidente existir para este autor uma não sobreposição entre temporalidade e subjetividade.

No entanto, e aceitando a esquematização proposta por Bouscaren 1985¹¹, que visa sintetizar as linhas gerais que caracterizam o trabalho de Culioli, poder-se-á assumir que é o parâmetro subjetivo que desencadeia a construção do

enunciado. Note-se que, neste mesmo esquema, Sit₀ – a situação de enunciação é considerado o localizador último do enunciado, sendo igualmente o parâmetro responsável, em última análise, pela validação ou não validação, de um dado estado de coisas. Ora, como se sabe, Sit₀ inclui aqui as dimensões sujeito / espaço-tempo da enunciação. Por outras palavras (e em forma de conclusão): as diferenças profundas que existem entre as propostas de Benveniste e de Culioli, no que diz respeito à enunciação são visíveis e possivelmente incontornáveis. No entanto, a pergunta que se pode deixar em aberto é se, muitos anos depois, o estudo da enunciação não fica mais robusto e mais completo precisamente quando aproximamos estes percursos (incluindo aqui as propostas de leitura de de Vogüé). Por outras palavras: olhando para a imagem do queijo LA VACHE QUI RIT vemos (ou adivinhamos), no abismo da infinita continuação dessa imagem, a razão de ser das perguntas que se podem fazer sobre o que é afinal a enunciação. Mas, mais do que a resposta - porque possivelmente não existe – é a procura da resposta que interessa. E essa procura passará inevitavelmente por um comentário, a um comentário, a um comentário... Resta a esperança de que alguém, algum dia, olhe para este texto e decida, também, dizer... ‘comente o seguinte texto?’.

Referências

Benveniste, E. 1964. Les niveaux de l’analyse linguistique. In *Problèmes de Linguistique Générale*. (vol. 1). Paris: Gallimard, pp. 119-131.

Benveniste, E. 1970. *L’appareil formel de l’énonciation* (vol 2), pp. 79-88.

Bouscaren, J. 1985. *Initiation à une grammaire de l’énonciation*. Paris: Ophrys.

¹¹ Conferir fig.1, no fim deste trabalho .

- Cann, R. 1993. *Formal Semantics*. Cambridge: CUP.
- Charaudeau, P. & D. Maingueneau (eds.) 2002 *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil.
- Correia, C. N. 2002. Estudos de Determinação. A operação de Quantificação | Qualificação em Sintagmas Nominais. FCG|FCT.
- Culioli, A. [1983] 1999. Théorie du langage et théorie des langues. In *Pour une Linguistique de l'énonciation* (2). Paris: Ophrys, pp. 115-123
- Culioli, A. [1993] 1999. "Les modalités d'expression de la temporalité" in *Pour une Linguistique de l'énonciation* (2). Paris: Ophrys, pp. 159-178
- de Vogüé S. 1992. Culioli après Benveniste: énonciation, langage, intégration. *Linx*, n°26. Lectures d'Emile Benveniste, pp. 77-108.
- Foucault, M. 1971 *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- <http://pt.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discorso>
- (consultado a 28 de maio de 2017)
- Maingueneau, D. 1991. *Analyse du discours: la question des fondements*. Cadernos de estudos linguisticos n° 19. Campinas: Unicamp, pp.65-75.
- Montague, R. [1970] 1974. English as a formal language. In R.H. Thomason (ed.) *Formal Philosophy: Selected papers of Richard Montague*. New Haven: Yale University Press.
- Rastier, F. [1987] 1996. *Sémantique interprétative*. Paris: PUF.
- Silva, A. S. 1999. *A semântica de DEI-XAR*. FCG |JNICT.

Figura 1
Bouscaren 1985 (adapt,)

